



## EN TREVISTA

### PROFESSORA DOUTORA EURÍDICE FIGUEIREDO<sup>1</sup>



Por Rafaela Cássia PROCKNOV<sup>2</sup>

---

1 Pós-Doutora Sênior pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2009), Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1988). Atualmente é Docente associada aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da instituição. É pesquisadora 1B do CNPq. Endereço eletrônico: <euridicefig@gmail.com>.

2 Doutoranda no Departamento de Letras Modernas, na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Letras pela mesma instituição e área (2014), Especialista em Semiótica Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Atualmente, Docente de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, bem como de suas Literaturas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), *Campus Avaré*. Endereço eletrônico: <procknov.rafaela@ifsp.edu.br>.



## NOSSA ENTREVISTADA

A Professora Eurídice Figueiredo é autora de diversos títulos em Estudos de Literatura. Tem, no prelo, o livro *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras* (Zouk, 2020). Publicou *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (7Letras, 2017), *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção* (EdUERJ, 2013), *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura* (7Letras, 2010), *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (EdUFF, 1998), além de inúmeros artigos em obras coletivas e revistas nacionais e internacionais. Organizou, entre outros, *Conceitos de literatura e cultura* (EdUFJF/EdUFF, 2005), bem como vários números de revistas.

Em um contexto sociocultural, não apenas local, mas global, de gradativo reconhecimento da necessidade de se pensar sobre a agência da diferença na literatura, o trabalho da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eurídice Figueiredo, especialista na relação literatura/gênero, literatura/estudos étnicos e literatura/questões da alteridade, é, sem dúvida, de incomensurável contribuição. Por isso, temos a honra de entrevistá-la.

## METALINGUAGENS

Professora Eurídice, gostaria de iniciar nossa conversa pedindo-lhe para que comente, em linhas gerais, sobre sua trajetória acadêmica e quais fatores lhe despertaram o interesse pela investigação das vozes da outridade na literatura.



## EURÍDICE FIGUEIREDO

Vou começar contando algumas anedotas sobre minha vida. Cresci na Vila Operária de Assis (SP), onde meu pai tinha um bar. Éramos pobres, sem sermos miseráveis, e tive consciência da diferença de classe muito cedo. Talvez por isso, assim que entrei na Faculdade de Letras, comecei a participar do movimento estudantil.

Quando criança, com cerca de 7 anos, recebi o apelido de Diacuí dos ferroviários que frequentavam o bar. Tinha os cabelos lisos e curtos, com franja, e parecia uma indiazinha. (Diacuí foi uma índia da nação Kalapalo, do Alto Xingu, que se casou com um branco em 1952. Foi o primeiro casamento autorizado de um branco com uma índia no Brasil. Sua história tornou-se muito popular devido à cobertura e ao patrocínio da revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. Vestido deslumbrante, cerimônia na Igreja da Candelária, sonho de princesa. Porém, ela morreu ao dar à luz uma filha à qual o pai deu o nome de Diacuí).

Fui para a França em 1970, fugindo da ditadura. Quando morava lá, as pessoas achavam que eu tinha traços indígenas, examinavam meu rosto: *Vous avez les pommettes saillantes, les yeux bridés, les lèvres charnues*, ou seja, tinha os pômulos salientes, os olhos amendoados e os lábios grossos. Eram expressões que nunca tinha ouvido antes, nem ouviria depois. Em resumo, *typée*. Perguntavam-me se vinha de suas colônias: Caribe, Taiti, Madagascar, locais que produziram mestiços de branco, negro e indígena como o Brasil.

Quando estive nos Estados Unidos, os latinos me falavam em espanhol. Cara de latino-americana, cara de mestiça. No Brasil, sou branca.

Mas creio que é preciso evitar dicotomias porque há várias camadas de privilégios na sociedade. Digamos que há brancos mais brancos, dependendo da classe social. Patricia Hill Collins usa o conceito de “política transversal”; ela rejeita o binarismo e propõe pensar os grupos não como vítimas absolutas ou como privilegiados absolutos, todos têm algum tipo de



vantagem e de desvantagem no jogo social (mas claro que alguns têm muito mais vantagens e outros, muito mais desvantagens). Passei três anos na Europa (1970-1973) e, quando voltei para o Brasil e me instalei no Rio de Janeiro, comecei a trabalhar na Aliança Francesa e a fazer o Mestrado na UFRJ. Minha dissertação foi sobre o teatro de Aimé Césaire e, a partir daí, passei anos pesquisando os autores do Caribe francófono. Minha tese de doutorado foi sobre uma escritora francesa, Jeanne Hyvrard, que tematiza as relações difíceis com a mãe, a doença e a loucura.

Esses trabalhos redundaram no livro *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* e alguns capítulos de *Representações de etnicidades* e de *Mulheres ao espelho*, além de artigos em revistas e livros coletivos. Também trabalhei sobre literatura do Quebec, em especial sobre escritores migrantes como o haitiano Dany Laferrière e o brasileiro Sergio Kokis.

Então, vendo o meu percurso, posso dizer que sempre me interessei pelas questões da alteridade porque sempre me senti, pelo menos em parte, “outra”. Essas questões estão ligadas às mulheres, aos negros, aos indígenas, aos mestiços, aos judeus, em suma, a todos os que foram vítimas de preconceitos, de racismo e de perseguição.

Meu livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* também tem a ver com este itinerário porque fui uma militante nos anos 1960 e me identifico com todos os que foram perseguidos, torturados, exilados, desaparecidos. A repressão da ditadura, que atingiu jovens nos seus vinte e poucos anos, foi extremamente violenta, cruel, desumana.



## METALINGUAGENS

Poderíamos afirmar que a literatura brasileira, historicamente, delineou-se pela hegemonia de determinados grupos? Em caso afirmativo, quais seriam eles? Como se representaram e representaram o Outro?

### EURÍDICE FIGUEIREDO

O cânone ocidental é constituído de homens brancos da Europa e da América do Norte. A literatura brasileira segue o mesmo paradigma: o cânone foi produzido pelos homens, em sua maioria socialmente brancos (o mestiço no Brasil, muitas vezes, vira branco quando pertence às classes superiores). Tanto as mulheres quanto os negros, os indígenas e a população LGBT são vistos pelo olhar do homem branco hétero. Para dar alguns exemplos: no livro *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)*, organizado por Eliane Robert Moraes, o estupro é eufemizado como uma forma de erotismo. Jorge Amado (*Capitães de areia*) e Mário de Andrade (*Macunaíma*) escreveram cenas euforizantes que nós, mulheres, hoje, consideramos verdadeiros estupros. Essas cenas representam aquela ideia de que a mulher quando diz “não”, quer dizer “sim”, basta dar uma forçadinha. Os negros eram, em geral, representados de maneira negativa, com exceção dos negros “brancos”, como em *O mulato* ou em *A escrava Isaura*. Os indígenas foram representados no romantismo como seres do passado, como se não tivessem mais existência naquele momento.

Com uma população majoritariamente negra e parda, não é de se estranhar que haja escritores negros/pardos (para usar a classificação do IBGE) no cânone, como Machado de Assis, Luís Gama, Lima Barreto, Cruz e Sousa. Mulheres negras são mais raras: Maria Firmina dos Reis só foi redescoberta recentemente, Ruth Guimarães teve seu romance *Água funda*,



publicado inicialmente em 1946, relançado há poucos anos. A representação do Outro (mulher, negro, LGBT) tende a ser deturpada, desviada.

## METALINGUAGENS

Na introdução de *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura* (2010, p. 9), a senhora afirma que compreende o termo “representação” a partir da contribuição de Edward Said, quem teria demonstrado que o trabalho da crítica não é o de buscar o contorno de uma imagem original, autêntica sobre o Oriente, e sim o de tentar entender quais são os dispositivos que o Ocidente historicamente mobilizou para representar o Oriente. Pensando nas formulações de Said, como apreender a relação alteridade/literatura sem cair na armadilha de exigir um *dever ser* para a palavra literária? Como desmistificar a forma pela qual a literatura, geralmente, transforma o Outro em “pura exterioridade” sem estabelecer juízos moralizantes?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Você tem razão. É difícil definir o que deve ser a literatura, porque ela é transgressão, ela é atravessada por interditos, por maneiras esquivas de dizer o proibido. Não acredito numa visão moralizante da literatura, acredito na livre criação. Um aspecto que me parece interessante no caso é que, ao se tornar autor/a, a pessoa vai focar o seu grupo minoritário a partir de um outro olhar. Se a personagem feminina nos romances do século XIX é vista como objeto (ainda que rebelde e sedutor), nos romances escritos por mulheres nos séculos XX e XXI a personagem feminina, em geral, torna-se sujeito. Às vezes, um sujeito meio perdido, outras vezes, vítima, mas ela detém a voz, ela definirá seu caminho, suas opções (até



mesmo sua falta de opção). No mundo de hoje, temos uma variedade muito grande de pessoas que estão escrevendo literatura, então não existe uma fórmula correta nem totalmente incorreta. Como as chamadas minorias estão produzindo literatura, ela tende a ser multifacetada. Cabe aos leitores a possibilidade de escolha e a nós, pesquisadores da área, a opção de nos voltarmos para o que está sendo produzido pelas minorias. Passei os últimos 3 anos lendo, fundamentalmente, escritoras brasileiras para escrever o livro *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras* (no prelo: Porto Alegre, Zouk, 2020). Aliás, muitas das questões colocadas até aqui nesta entrevista estão desenvolvidas lá no livro.

#### METALINGUAGENS

A senhora utiliza a categoria de etnicidade, ao longo dos escritos que compõem o livro *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*, para pensar sobre a representação do Outro na literatura. Desse modo, poderia comentar por que a alteridade estaria atravessada pelas marcas de etnicidade?

#### EURÍDICE FIGUEIREDO

Não gosto de usar a palavra raça porque, como se sabe, não existe raça. A etnicidade é uma marca da diferença construída pelo processo colonial. O indígena e o negro (e os inúmeros mestiços) foram construídos como o Outro no processo, então não podemos ignorar isso. Agora trata-se de fazer um acerto de contas, decolonizar o pensamento, valorizando os saberes que foram subalternizados ao longo da História colonial, portanto, é preciso fazer uma revolução epistêmica. Anibal Quijano é o autor que desenvolveu essa questão da colonialidade do poder, ou seja, como essas hierarquizações étnicas continuam presentes em



nossas sociedades; por outro lado, Maria Lugones apontou a importância do gênero nessa construção da colonialidade, criando o conceito de feminismo decolonial.

## METALINGUAGENS

Há um verdadeiro campo de batalha acerca de como definir a literatura das minorias políticas (os negros, as mulheres, os indígenas, os LGBTQs, entre outros), isto é, considerando-se apenas a temática abordada ou validando-se a questão da autoria para delimitá-la. Em outros termos, para que exista uma literatura negra, feminina, indígena e LGBTQ, é necessário que indivíduos pertencentes a cada um desses grupos sejam os/as autores/as dos textos ou qualquer obra com valor estético que elabore tematicamente a condição desses grupos humanos, ainda que escrita por sujeitos que não pertençam a eles, pode ser lida como uma palavra específica de tais comunidades?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Em princípio, sim, considera-se que negros fazem literatura negra, lésbicas fazem literatura lésbica etc. A partir do conceito de lugar de fala, creio que ninguém aceitaria que uma mulher branca escrevesse literatura negra. O que define é a autoria. É por isso também que hoje não se diz literatura feminina, mas literatura de autoria feminina, porque não existe uma essência feminina, ou uma marca feminina na escrita praticada pelas mulheres. Seria muito difícil definir de maneira ontológica a literatura negra ou feminina; você vai encontrar temas comuns, alguns elementos que podem ser detectados no tratamento que se dá a certas questões. Falar de literatura negra ou literatura lésbica é parte de uma luta política para



dar visibilidade a esses grupos. Gayatri Spivak, por exemplo, fala de uma essência estratégica, porque ela é usada como parte da luta política. Sempre existe o risco de se criar o gueto, mas como diz Gloria Anzaldúa, se ela se reivindica latina, mestiça, sapatão etc., isso faz parte da luta pela sua visibilização na cidade letrada. Em termos ideais, na minha opinião, só existe literatura.

## METALINGUAGENS

Há na literatura contemporânea um movimento bastante significativo de escritores e escritoras que denominam seus escritos de “literatura periférica”. Em seu olhar, essa literatura apresenta pontos de convergência com a literatura de autoria negra? Aliás, haveria um elo entre a literatura realizada por todas as camadas excluídas da história cultural hegemônica, como mulheres, negros, indígenas e LGBTs?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Todos teriam algo em comum, o fato de não corresponderem ao chamado “Universal” (sinônimo de homem branco hétero), mas, evidentemente, cada grupo tem suas especificidades. Podemos encontrar literatura periférica feita por uma mulher branca, como Sônia Bischain. Gays, apesar de serem discriminados socialmente, fazem parte do cânone ocidental (André Gide, Marcel Proust); no Brasil temos Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago, João Gilberto Noll. No caso da literatura negra brasileira, talvez seja o caso de se pensar em quais seriam seus temas, as questões que reaparecem em vários autores e de verificar se existe uma permanência de certos *topoi* encontrados desde Maria Firmina, como, por exemplo, a ancestralidade, a rememoração do tráfico negreiro e do período escravista.



## METALINGUAGENS

A ideia de uma sociedade racialmente democrática é constitutiva da sociedade brasileira. Enquanto estudiosa das relações raciais na literatura, de que maneira a senhora entende que as letras canônicas no Brasil elaboraram a retórica da democracia racial? Como a literatura de autoria negra tem se colocado perante essa ideia?

### EURÍDICE FIGUEIREDO

Essa ideia aparece, antes de mais nada, em autores brancos das Ciências Sociais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado. Ela está presente também em escritores como João Ubaldo Ribeiro, mas ele é bastante irônico em *Viva o povo brasileiro*. O mulato Amleto é bem caricato e seus descendentes paulistas são muito risíveis ao ver traços ingleses na foto do ancestral. Apesar de não haver democracia racial, há no Brasil uma mestiçagem que ninguém pode negar, que transparece na literatura em autores brancos e negros. É branco o pai do filho perdido de Kehinde em *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves (que seria o poeta Luís Gama); ele é fruto do amor e não do estupro, como seu primeiro filho (que morre). Ainda que os autores negros tendam a evitar o tema do amor entre desiguais (negra/o e branca/o), não se pode estigmatizar esse tipo de relação na literatura porque sabemos que na vida prática muitos autores tiveram esse tipo de casamento, como Abdias do Nascimento.



## METALINGUAGENS

Quais são os principais obstáculos que a literatura de autoria negra enfrenta hoje no Brasil para legitimar-se? De que maneira a literatura de autoria negra pode demarcar-se como um território simbólico próprio e, ao mesmo tempo, reivindicar o pertencimento à literatura brasileira?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Essa foi uma discussão que tive com a Conceição Evaristo muitas vezes (ela foi minha aluna no Doutorado na UFF). Enquanto os autores quiserem se reivindicar como pertencentes à literatura negra brasileira, eles farão com que ela exista; o dia em que eles decidirem que eles fazem parte da “literatura brasileira” (sem outra marca), assim será. Autoras como Ana Maria Gonçalves, Eliana Alves Cruz, Conceição Evaristo são legítimas escritoras brasileiras, ninguém questiona isso. Mas é claro que a questão do cânone é espinhosa, porque o cânone se constrói sobre as mesmas estruturas socioeconômicas que movem a sociedade como um todo. A própria entrada de mulheres (brancas) na Academia Brasileira de Letras (ABL) demorou a acontecer, tudo é muito lento. Tivemos avanços nas últimas décadas, mas no momento estamos vivendo um refluxo, com um governo de extrema direita profundamente reacionário (não conservador). Como disse o Jessé Souza, é a elite do atraso no poder.

## METALINGUAGENS

Em *Mulheres ao espelho* (2013) a senhora analisa as intersecções entre literatura e gênero, por meio do estudo das formas da autobiografia, da autoficção, da memória e da



ficção, em um conjunto de autoras, de distintas gerações, que escrevem em língua francesa e de uma gama de escritoras brasileiras como Conceição Evaristo, Nélide Piñon, Eliane Potiguara, Carola Saavedra, Adriana Lisboa, entre outras. Considerando as singularidades desses projetos de escritas e das formas literárias neles mobilizadas, seria possível advogar a existência de uma linguagem marcadamente feminina? O que caracterizaria, em linhas gerais, a existência de uma literatura feminina?

#### EURÍDICE FIGUEIREDO

É impossível dizer se existe uma literatura feminina, mas existe uma literatura de autoria feminina, ou escrita por mulheres. Essa literatura não é homogênea, não se caracteriza por um estilo, uma forma específica de se exprimir. No entanto, podemos delimitar um *corpus* e procurar identificar algumas tendências, algumas características, alguns *topoi*. Foi o que eu tentei fazer neste meu novo livro, tentei perscrutar um imaginário, detectando como as escritoras falam dos seus corpos, por exemplo.

#### METALINGUAGENS

Os feminismos negros têm explicitado a necessidade de se pensar as opressões de modo interseccional, isto é, sem conceder proeminência a uma opressão em detrimento de outra. Assim sendo, as variáveis de classe, raça e gênero seriam fatores que, pensados em correlação, fariam ver a fragilidade da categoria “mulher”, abstração deslocada dos contextos sociais e históricos. Na literatura de autoria feminina negra, escritoras como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Miriam Alves, dentre outras, têm reposicionado o estatuto da categoria “mulher”, situando-o em um repertório de sentido



que agencia as questões das mulheres negras. Para a senhora, o que significa pensar na agência das mulheres negras no que diz respeito à literatura?

#### EURÍDICE FIGUEIREDO

É certo que o conjunto “mulheres” não é um conjunto homogêneo; o feminismo negro nasce como uma reação ao feminismo branco e aos movimentos negros que não viam necessidade de se levar em consideração a categoria “gênero”. Mulheres negras têm marcado uma presença importante na cena literária, estão cada vez mais empoderadas. Não se deve esquecer que conceitos como agenciamento (ou agência) e empoderamento nascem como conceitos de relevância coletiva, ninguém tem agenciamento/empoderamento sozinho. Para se pensar mais uma vez na questão do cânone, sem uma massa crítica grande (de mulheres negras, por exemplo) ninguém pertencente aos grupos à margem entrará no cânone. Pensando nas mulheres brancas no Brasil, percebemos que a geração que nasceu nas três primeiras décadas do século XX deu grandes escritoras (Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector). A partir de então, pode-se começar a falar de uma tradição, de uma linhagem. Mas também essas escritoras tinham antecessoras, ainda que não tão excepcionais quanto elas foram. Na geração anterior, destaca-se Júlia Lopes de Almeida, que deveria ter entrado no cânone e não entrou.

Acho que no Brasil atualmente a interseccionalidade tem privilegiado as categorias “raça” e gênero e pouco se fala da questão da classe social. Crianças pobres nas periferias podem ser de qualquer cor, elas têm poucas oportunidades de letramento, ascensão social e cidadania.



## METALINGUAGENS

Recorrentemente se acusa a literatura realizada pelas chamadas minorias políticas de militância ativista e de carência de valor estético. Para a senhora, qual a origem desse tipo de consideração?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Pode ser fruto do preconceito porque o valor estético é um critério muito difícil de medir. No fundo, voltamos a conceitos generalizantes como literatura universal, alta literatura etc. Carolina Maria de Jesus é identificada como favelada, como se isso a definisse. Mesmo Conceição Evaristo, muitas vezes, se começa a falar dela nos jornais como sendo negra e vinda da favela. São clichês, porque Conceição veio de família pobre, da favela, mas é uma pessoa que tem a mesma escolaridade de outras escritoras de classe média. Mesmo Carolina, que tinha pouca escolaridade, tem uma produção literária muito vasta. A professora da UERJ, Giovanna Xavier, disse, numa entrevista ao jornal *O Globo*, que se deve considerar Carolina como uma pensadora e não como uma favelada. E realmente, lendo *Diário de Bitita*, a gente percebe que ela, a partir de seu lugar de fala, de uma mulher negra e pobre, tem uma visão ampla da história do Brasil, a partir de seu lugar de fala, de uma mulher negra e pobre.

## METALINGUAGENS

Qual seria o lugar da literatura na construção de outro ideal de humanidade?



## EURÍDICE FIGUEIREDO

A literatura contribui para a reflexão das pessoas, para a criação de uma certa empatia com as dores do próximo através da identificação com as personagens. Não acredito que exista um ideal de humanidade, mas a literatura ajuda a criar um mundo em que as pessoas sejam capazes de empatia, um mundo em que haja mais perguntas do que respostas prontas, um mundo em que não se pensa só no lucro e nos interesses comerciais. Nosso mundo é desigual, injusto, violento; se ele se tornar menos desigual, menos injusto e menos violento, com pessoas mais abertas para o Outro, para reconhecer as diferenças, já seria um grande passo.

## METALINGUAGENS

Em uma era de extrema virtualização da vida social e de reconfiguração das práticas culturais, por conta da transnacionalização do capital, ainda faz sentido a típica divisão moderna “alta literatura” versus “baixa literatura”? Essa dicotomia, em sua percepção, carrega preconceitos estéticos? Qual o lugar da literatura realizada pelas vozes minoritárias nessa sedimentação?

## EURÍDICE FIGUEIREDO

Acho que não faz mais sentido essa distinção entre alta literatura e baixa literatura. Há muitas formas de narrativas no cinema, na televisão (basta ver o sucesso das séries), no teatro, nas artes plásticas; há poesia escrita, falada e cantada. Existe reaproveitamento de tradições orais pela classe letrada. No Brasil, posso destacar Ariano Suassuna, oriundo da elite



branca, e Jarid Arraes, uma jovem cearense negra que partiu do cordel. Então essa dicotomia não é mais pertinente. Diante da profusão de formas virtuais de expressões artísticas, muitos pensam que o livro vai desaparecer, mas nunca se escreveu tanto. Às vezes, acho que há mais escritores do que leitores, tal a quantidade de publicações. Sou otimista e acho que o livro não vai acabar, pelo menos não nos próximos 80 anos. É difícil pensarmos para além do século XXI, nós que já viemos do século passado. De qualquer modo, sempre precisaremos contar histórias porque somos uma “espécie fabuladora”, nas palavras da escritora franco-canadense Nancy Huston.

---

Envio: Agosto de 2020  
Aceite: Agosto de 2020